

## Resenha do livro “Representações Sociais: investigações em Psicologia Social”, escrito por Serge Moscovici, Editora Vozes, 2009

Felipe da Silva Triani<sup>1</sup>

Cristina Novikoff<sup>2</sup>

Serge Moscovici, psicólogo social romeno, naturalizado francês, nasceu em 1928 e vivenciou a Segunda Guerra Mundial. Em 1948, na França, estudou Psicologia. Investigou e divulgou a Psicanálise. Em 1961, terminou a tese *La Psychanalyse, son image, son public* e propôs a Teoria das Representações Sociais. Lecionou em universidades renomadas e publicou, na França, sobre a influência das minorias na inovação. Em 2003, foi prêmio “Balzar”. Dirigiu o Laboratório Europeu de Psicologia Social em Paris até seu falecimento em novembro de 2014.

A obra traduzida para o português por Pedrinho Guareschi e publicada pela editora Vozes, segue dividida em 7 capítulos, na qual se inicia com a introdução que discute o poder das ideias, depois no capítulo 1 é apresentado o fenômeno das Representações Sociais, seguindo o capítulo 2 com a sociedade e teoria em psicologia social, na sequência há a história e a atualidade das Representações Sociais, depois no capítulo 4 emerge o conceito de *themata* e no capítulo 5 o Caso Dreyfus, Proust e a psicologia social, sendo o capítulo 6 a consciência social e sua história e por último uma entrevista intitulada ideias e seu desenvolvimento, apresentando um diálogo entre Moscovici e Ivana Marková.

A introdução da obra é apresentada por Durveen, que inicialmente discute que a constituição dos fenômenos sociais ocorre pelo resultado de processos sociológicos e psicológicos, algo que é diferente da distorção do pensamento, mas que apresenta uma peculiaridade de conhecer. Ainda na apresentação é defendida a grande ideia de Serge Moscovici que construiu uma nova perspectiva ao integrar o social e o psicológico, rebatendo as críticas acerca da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978) que antes dessa integração era vista como vaga aos olhos dos críticos.

Em se tratando das representações sociais como fenômeno, no primeiro capítulo, o autor caracteriza o pensamento primitivo, ciência e senso comum, demonstrando como pensa o homem ao relacionar esses elementos. Nesse sentido, as representações sociais

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

<sup>2</sup> Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

são caracterizadas por ele como sistemas de valores, ideias e práticas com a dupla função, a saber: conhecer e intervir na realidade. As representações sociais têm um movimento dinâmico, pois se comunicam e se esvaem para fazer emergir novas outras.

O autor compreende o senso comum como uma maneira de compreensão que gera substrato das imagens e sentidos, que é o modo como opera a coletividade. Neste sentido, o autor estabelece dois universos, sendo um deles o reificado e o outro consensual, assim, o primeiro é caracterizado pela linguagem da ciência e o segundo pela linguagem do senso comum que é a episteme das representações sociais. Essas que são engendradas pelos processos de ancoragem e objetivação que circulam na atmosfera cotidiana em relação ao grupo e ao indivíduo. Nesse capítulo, também explica como acontece o processo de ancoragem e objetivação, bem como o objetivo das representações sociais que é transformar o objeto não-familiar em familiar.

O segundo capítulo faz inferência ao Positivismo, que segundo o autor, os métodos observacionais, experimentais e o medo da especulação traduzem a lentidão do desenvolvimento da psicologia social. O autor critica a carência de fundamentação e sugere a definição do objeto de pesquisa para romper com a ideia de que a teoria ainda tem algo vago, o que implica em situá-lo como paradigma solitário. É ainda discutido as contribuições da psicologia norte-americana e sugere que os responsáveis por ela enfrentem os perigos, preocupando-se com a mudança por meio de um referencial metodológico próprio.

O capítulo três faz referência à gênese e a fecundidade histórica da ideia de representações sob as contribuições de Durkheim (1982) e Lévy-Bruhl (1926). O autor também discute a diferenciação entre ciência e senso comum, pois são modos distintos de compreender o mundo e de se relacionar com ele, embora ambos sejam representações sociais do real. Nesse capítulo, Moscovici apresenta uma forma de compreensão das representações sociais como sendo uma rede de ideias, metáforas e imagens sociais mais fluidas que as teorias.

No quarto capítulo é apresentado o conceito de *Themata* ou temas. Nele o autor propõe reflexões, acerca da ideia de que as representações sociais são filtradas através do discurso do outro, assim como também são capturadas da realidade e pré-existem como um ambiente sociocultural. As representações sociais não são conteúdos de pensamento que pode se generalizar, mas expressam temas comuns, que ligam um indivíduo a outras constitutivas do objeto referido na cultura, sendo assim, as representações sociais são compreendidas como transformações de estruturas anteriores.

O capítulo cinco configura-se a partir do exemplo de minorias ativas na ruptura das representações sociais em um determinado momento histórico. O caso Dreyfus foi gerador de um fenômeno ocorrido na França, a partir do instante que condenou de forma errônea um oficial. Fenômeno que na época gerou uma mobilização social por parte de grupos minoritários, ascendendo um nacionalismo e evocando sentidos de pertencimento e reconhecimento social que permanecem vivos nos dias atuais. Tal caso relaciona as representações sociais e expressa a dinâmica dos grupos imaginários como se fossem concretos.

No sexto capítulo, Moscovici apresenta a consciência social e sua história, evidenciando as contribuições de Piaget e Vygotsky para a construção da psicologia social. Segundo o autor a psicologia precisa compreender ainda de que maneira os homens se tornam racionais, como controlam seu próprio comportamento e como se libertam da dependência do ambiente e da tradição. Diante disso, Moscovici considera indispensável que se faça leitura sociológica de Durkheim (1982) e antropológica de Levy-Bruhl (1926), pois para o autor as estruturas cognitiva e cultural se constituem mutuamente, assim como Piaget (1972) e Vygotsky (1986) que olharam a criança como totalmente cultural e social, buscavam nela a mentalidade primitiva, algo que Moscovici referencia. Todavia, cabe ressaltar que para o autor o modo de representar opera sob a racionalidade da ciência e a do senso comum.

182

O sétimo e capítulo final refere-se a uma entrevista na qual Moscovici faz uma discussão acerca do simbolismo sob o qual as representações sociais ganharam status. Depois retrata sua trajetória intelectual, discutindo algumas questões centrais da psicologia social na atualidade e a maneira como os grupos minoritários são fortes, principalmente no processo de mudança social, explicando o processo de ancoragem e objetivação e os universos reificado e consensual.

Na leitura da obra é possível compreender que o mérito do autor no momento em que entende a representação como indivisível, sendo individual e coletiva, e não somente coletiva como a proposta anterior de Durkheim (1982). Também é possível discutir sua importância no processo de investigação da pesquisa, pois considera com o mesmo valor o conhecimento científico e o senso comum, geradores das representações sociais, algo indispensável atualmente quando se pensa em pesquisa em que é preciso ir à campo empírico e se obter uma ideia, ou melhor uma representação social acerca de um objeto específico, para então fundamentar a maneira de intervenção sobre tal.

Diferentemente de “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, publicada no Brasil somente em 2012, literatura que proporciona a emergência da teoria, a obra objeto da presente resenha, explica de forma didática a Teoria das Representações Sociais, mas pode-se destacar como os capítulos-chave para compreensão de tal, o primeiro e o sétimo, pois neles se inserem os elementos essenciais para compreensão do processo de compreensão da representação social, sendo ancoragem e objetivação, universo reificado e consensual, não-familiar e familiar, assim como social e coletivo. Logo, o livro é uma deleitosa indicação de primeira leitura concernente ao mergulho na questão das representações sociais e deve ser leitura obrigatória a todos que pretendem compreender como os grupos sociais se comportam.

## Referências

- DURKHEIM, E. **The Rules of Sociological Method**. Londres: Macmillan. 1982.
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social sobre a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Editora: Vozes, 2012.
- LÉVY-BRUHL, L. **How natives think**. Londres: George Allen & Unwin. 1926.
- PIAGET, J. **The Principles of Genetic Epistemology**. Londres: Routledge and Kegan Paul. 1972
- VYGOTSKY, L. S. **Thought and Language**. Cambridge, MA: MIT Press. 1986.